

Design como meio de ação para cidadania ecológica em resposta às mudanças climáticas

Design as a means of action for ecological citizenship in response to climate change

ESPAÑHOL, Maria Lúcia; Mestre; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

luci.espanhol@gmail.com

FARBIARZ, Jackeline Lima; Doutora; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

jackeline@puc-rio.br

Resumo

Este texto é parte da construção do referencial teórico de um processo de doutoramento em andamento na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Tem por objetivo estabelecer delineamento teórico que sustente um design inserido no tempo espaço permeado por desafios complexos, como o das mudanças climáticas. O lugar que ocupamos sustenta e inspira diálogos sobre a sociedade que intentamos fazer parte e construir. Dentre as transformações vivenciadas no último século as mudanças climáticas fazem parte de complexos desafios que precisamos enfrentar. O espaço-temporal que pertencemos nos habilita a diferentes ações para enfrentarmos esses desafios, assim como, entendemos que nossa responsabilidade é individual, mas nosso poder de ação acontece no coletivo. Por meio do Design, por sua característica interdisciplinar, em suas abordagens colaborativas, participativas, inclusivas e em parceria almejamos sensibilizar pessoas para uma cidadania ecológica em reação às mudanças climáticas.

Palavras Chave: design; mudanças climáticas; cidadania ecológica

Abstract

This text is part of the construction of the theoretical framework of an ongoing doctoral process at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro – PUC-Rio. It aims to establish a theoretical outline that supports a design inserted in time and space permeated by complex challenges, such as climate change. The place we occupy sustains and inspires dialogues about the society we intend to be part of and build. Among the transformations experienced in the last century, climate change is part of the complex challenges that we need to face. The space-time that we belong to enables us to take different actions to face these challenges, just as we understand that our responsibility is individual, but our power of action happens collectively. Through Design, due to its interdisciplinary characteristic, in its collaborative, participatory, inclusive and partnership approaches, we aim to raise awareness of people towards ecological citizenship in response to climate change.

Keywords: design; climate changes; ecological citizenship

1 Introdução

Ser discente em um programa de pós graduação em Design na área de concentração ‘Design e Sociedade’ fomenta a responsabilidade que se tem na pesquisa e com a sociedade a que pertencemos. A pesquisa em andamento, cujo tema é cidadania ecológica no contexto das mudanças climáticas, está embasada em valores que sensibilizam e convidam para ação. Princípios que também estão presentes no Projeto Político Pedagógico – PPP da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, em destaque: o “compromisso de criar uma sociedade mais justa e fraterna”; “a capacidade de perceber a realidade”; “a sensibilidade para as necessidades do outro e do bem comum” (PUC-Rio, 2002). Nesse sentido, esse artigo tem por objetivo estabelecer delineamento teórico que sustente um design inserido no tempo espaço permeado por desafios complexos, como o das mudanças climáticas.

Ainda sobre o lugar que ocupamos, ele faz parte dos caminhos escolhidos para percorrer uma pesquisa, sustentam as escolhas e apontam direcionamentos. Na carta encíclica LAUDATO SI’ do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum há um convite: “A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem” (2015). Assim, a pesquisa, como lugar de reflexão, e na responsabilidade de contribuição para a sociedade procura apontar caminhos de como o design participa, ou como pode participar desse processo de sensibilização para minimizar nosso impacto ambiental.

Em novembro de 2022 o mundo atingiu a marca de 8 bilhões de pessoas. Somos parte de diferentes culturas, diferentes hábitos, distintas formas de ser e estar em um mesmo mundo e nossa existência gera algum tipo de impacto ao planeta. O relatório elaborado pelos membros do Painel Intergovernamental sobre mudanças Climáticas - IPCC, apresentou dados alarmantes sobre o aquecimento global que deve atingir 1,5 graus Celsius nas próximas duas décadas, afirmando que “as alterações climáticas são uma ameaça ao bem-estar humano e planetário” (IPCC, 2023, p. 24). Sendo uma ameaça a todas as pessoas que compartilham a vida nesse planeta, entendemos que esse assunto precisa estar presente nas pesquisas de todas as áreas de conhecimento.

Em comentário alarmante, o secretário-geral das Nações Unidas António Guterres, em evento pré- COP 27, declarou: “Estamos em uma batalha de vida ou morte por nossa própria segurança hoje; e por nossa sobrevivência amanhã” (GUTERRES, 2022). Assim, compreendemos que esse planeta que abriga tamanha diversidade e bilhões de pessoas está em constante transformação, sendo as mudanças climáticas e desigualdades sociais uma realidade vivenciada por muitos e um risco real para grande parte dessa população.

A fala impactante proferida por um líder nos faz refletir sobre como estamos nos relacionando com o outro e com o meio. Se o caminho que nós, como sociedade, estamos trilhando põe em risco nossa vida, então é preciso repensar o caminho e trilhar novos horizontes rumo a uma sociedade equânime, justa e inclusiva. Como um chamado universal para ação os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS, no Brasil, estão interconectados e propostos para enfrentar os maiores desafios, como as desigualdades sociais e a proteção do meio ambiente e do clima, sendo o objetivo de nº 13 a “Ação contra a mudança global do clima: adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e seus impactos” (ONU, 2022). Na compreensão de que a ODS 13 – é de grande relevância e dialoga diretamente com outros objetivos do desenvolvimento sustentável, supomos que por meio de algumas abordagens de Design podemos potencializar as ações contra a mudança global do clima e também sensibilizar pessoas para ações de adaptação e mitigação.

Há uma urgência em ações que possam mudar ou frear o caminho da crise climática. Segundo Simon Stiell, secretário executivo da Organização das Nações Unidas – ONU sobre mudanças climáticas, temos “dois anos para salvar o mundo”, e afirma:

Para aqueles que dizem que a mudança climática é apenas uma das muitas prioridades, como acabar com a pobreza, acabar com a fome, acabar com as pandemias ou melhorar a educação, eu simplesmente digo o seguinte: nenhuma dessas tarefas cruciais – na verdade, nenhum dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – será possível a menos que tenhamos a crise climática sob controle (Stiell, 2024).

As complexas questões que envolvem a crise climática, como um contexto macro de pesquisa, direcionam nosso olhar para o contexto social das nossas relações. Dado as evidências de que, desde 1800, “as atividades humanas têm sido o principal impulsionador das mudanças climáticas, principalmente devido à queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás” (ONU, 2022), discutir ações responsáveis em relação ao planeta e ao outro é parte do olhar para se pensar/desenhar/projetar futuros possíveis, justos e equânimes.

A ideia de que estamos vivenciando uma era que coloca nossa existência em risco, precisa ser impulso para refletirmos nossas ações e repensarmos nosso estilo de vida, ou ao menos, pensarmos sobre quais ações que mais impactam nosso planeta. Está em curso uma nova definição para a época que vivemos atualmente, que está sendo moldada pela humanidade. “O Antropoceno representa um novo período da história do Planeta, em que o ser humano se tornou a força impulsionadora da degradação ambiental e vetor de ações que são catalisadoras de uma provável catástrofe ecológica” (Alves, 2020). Para se mudar o rumo dessa crise, são necessárias transformações sociais que requerem cooperação, colaboração, parceria.

A autora Donna Haraway aponta que a relevância em nomear, o tempo que estamos vivendo, a antropoceno está relacionado com a escala, a sincronicidade e a complexidade (2016. p. 139). A complexidade de uma sociedade em crescente expansão, onde em muitos grupos sociais a natureza é vista de modo extrativista, onde sua função é fornecer subsídios para um esperado “desenvolvimento”, ou seja, crescimento infinito num planeta finito sem considerar que somos parte da natureza. Para Haraway “o antropoceno é mais um evento-limite do que uma época” um espaço-tempo em que estão ocorrendo grandes transformações e que temos tempo para modificá-las, e afirma que “o nosso trabalho é fazer com que o antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios”, (2016, p. 140).

Nesse sentido, esse texto, que parte do olhar do Design, apresenta abordagens fundamentadas em um “fazer com”, no entendimento que a pluralidade de olhares que partem de diferentes grupos da sociedade civil potencializa desenhos/projetos que possam sustentar um modo de vida possível. Partimos do princípio de que o Design precisa compreender a realidade atual das pessoas e do planeta para propor ações. É preciso de mudanças sistêmicas e o design pode atuar em desenhos de projetos que promovam essas mudanças a nível local. São pequenas ações perante o todo que podem sensibilizar pessoas. É o designer se entender como agente responsável.

No tópico a seguir apresentaremos abordagens de design que não estão focadas necessariamente em produção de objetos, mas sim, que compreendem o design como meio. A Seguir, um diálogo com autores que inspiram um posicionamento do design. Por fim, a conceituação do que seria uma cidadania ecológica, num caminho para vivermos em harmonia com o outro e com a natureza no contexto macro das mudanças climáticas. O delineamento escolhido ocorreu pela

ausência¹ de pesquisas sobre “mudanças climáticas” no banco de teses e dissertações da CAPES na área de conhecimento “desenho industrial”.

2 Abordagens que sustentam um olhar participativo, colaborativo, inclusivo, em parceria, regenerativo no Design

Os textos aqui apresentados fazem parte da construção de um campo que busca encontrar alternativas para o modo de ser e agir em busca de futuros que possam ser sustentados com a contribuição do olhar do design. No entendimento que questões complexas precisam de uma pluralidade de olhares para se projetar caminhos alternativos nos apoiamos no conceito de fragmentação desenvolvido por Morin, crítico contundente da fragmentação do conhecimento, para estabelecer diálogos sobre ser e estar em um mundo em constante transformação que precisa de cuidado. Segundo o autor:

HÁ INADEQUAÇÃO cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários. (Morin, 2003, p. 13, grifo do autor).

Olhar para contextos macro e traçar uma conexão até projetos micro pode ser um desafio. Considerando a complexidade da crise climática, o poder de ação individual é insignificante perante o todo. Entretanto, o poder de ação individual é maior se pensarmos no coletivo, na cooperação, como um dever cívico. Pensar em um design que possa sensibilizar para ações colaborativas é pensar em tecer relações com o outro, com outras áreas do saber, com a sociedade. Concordamos com Morin sobre o enfraquecimento das relações:

O enfraquecimento de uma percepção global leva ao enfraquecimento do senso de responsabilidade – cada um tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada –, bem como ao enfraquecimento da solidariedade – ninguém mais preserva seu elo orgânico com a cidade e seus concidadãos. (Morin, 2003, p. 18).

Partimos do princípio que o modo de pensar na prática do design pode ser de grande valia para as transformações que o contexto das mudanças climáticas exige. Falar de design é falar dos desenhos da vida, dos desenhos das possibilidades, como nós podemos mudar a forma e repensar as materialidades que cercam nosso cotidiano. Os processos criativos, a visão do todo, a capacidade de dialogar com diferentes campos do saber, de converter uma pluralidade de ideias em desenhos de projetos a partir do “fazer com”, sustentam um posicionamento do design habilitado para atuar em diferentes desafios complexos que cercam a atualidade, como os ODS.

Ser designer é também estar atento aos contextos, ao que está acontecendo aqui e agora, aos modos de convivencialidade com o meio, com o outro. A ação responsável considera ser designer como agente inserido em determinado tempo e espaço, e nesta condição agir pelo clima é urgente. O autor Bruno Latour aponta uma “calma surpreendente” por parte da sociedade civil e poder público diante das informações sobre consequências das mudanças climáticas alegando que o que estamos vivendo não é apenas uma crise ecológica, visto que crises são passageiras, o que

¹ Em levantamento realizado em maio de 2024 foram encontrados 5.127 documentos de teses e dissertações com o termo chave “mudanças climáticas” e nenhuma para área de conhecimento de “desenho industrial”. Banco de Teses e Dissertações da CAPES - consiste em uma plataforma que tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* do País - Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES

estamos vivendo é "uma profunda mutação em nossa relação com o mundo" (Latour, 2020, p. 14). Continuar em um fluxo que nos colocou em lugar de perigo nos faz questionar que sentidos estamos construindo a partir de nossas relações com o outro, com o mundo.

Podemos pensar o Design como uma área de conhecimento que se encontra em constante processo de transformação, assim como a sociedade, e reflexão sobre suas características e finalidades. Em pesquisa sobre a conceituação do Design, a professora Rita Couto pontuou que "o Design não é socialmente neutro, mas uma atividade que influencia e é influenciada pelo balanço de interesses entre diferentes grupos sociais que participam do seu processo e que lidam com objetos ou sistemas. O Design é basicamente um processo de interação social." (Couto, p. 12, 1991). Assim, no tempo espaço que estamos vivendo, nossa prática de design precisa sempre estar atenta ao que influencia nosso viver em sociedade, considerando o contexto macro da crise climática.

As articulações aqui apresentadas, consideram que o Design, por "sua natureza multifacetada exige interação, interlocução e parceria" (Couto; Oliveira, p. 8) procura envolver uma pluralidade de olhares e compreensões que partem de diferentes lugares, configurações e perspectivas para um mesmo objeto. Para entender o Design como meio, nos apoiamos no conceito de que "o Design deve ser entendido não apenas como uma atividade de dar forma a objetos, mas como um tecido que enreda o designer, o usuário, o desejo, a forma, o modo de ser e estar no mundo de cada um de nós" (Couto; Oliveira, p. 10). Um meio que está em constante transformação, assim como nosso modo de vida, nossos hábitos, nossa cultura.

O autor Gustavo Bomfim evidencia que o Design seria, antes de tudo, um "instrumento para a materialização e perpetuação de ideologias, de valores predominantes em uma sociedade, ou seja, o designer, conscientemente ou não re-produziria realidades" (1997, p. 32). Ao fazer design estamos também nos responsabilizando por conceitos, ideologias que estamos dispostos a reproduzir. O mesmo autor traz uma definição que envolve cultura e sociedade:

Design é uma atividade que configura objetos de usos e sistemas de informação e, como tal, incorpora parte dos valores culturais que a cerca, ou seja, a maioria dos objetos de nosso meio são antes de mais nada a materialização dos ideais e das incoerências de nossa sociedade e de suas manifestações culturais assim como, por outro lado, anúncio de novos caminhos. [...] Design, entendido como matéria conformada, participa da criação cultural, ou seja, o Design é uma práxis que confirma ou questiona a cultura de uma determinada sociedade, o que caracteriza um processo dialético entre mimese e poiese [...] o Design de uma comunidade expressa as contradições desta comunidade e será tão perfeito ou imperfeito quanto ela. (Bomfim, 2014, p. 23).

O Design não é neutro, todas ações/escolhas/proposições de um designer tem um porquê, tem um posicionamento, tem uma ideologia que ocorre em diálogo com o outro. A partir dessa lente com a qual observamos, a convivência com o outro, em harmonia com a natureza, é premissa básica para um modo de vida que não comprometa o modo de vida de gerações futuras. Concordamos com Moura quando afirma que "Design significa ter e desenvolver um plano, um projeto, significa designar. É trabalhar com a intenção, com o cenário futuro, executando a concepção e o planejamento daquilo que virá a existir" (2003, p. 118).

No desenrolar desse fio que percorre o texto, as abordagens participativas e colaborativas de design, que consideram o outro em todo o processo, podem ser potentes ferramentas de transformações sociais, no sentido de pensar/dialogar/projetar novos horizontes com o envolvimento de múltiplas olhares, a respeito de uma situação. Em consonância com Farbiarz e Ripper "trabalhar com a potência do sujeito ou com o seu "ser e estar no mundo" em diálogo com a potência do designer e o seu "ser e estar no mundo", implica em reconhecer o usuário e o locus de que participa" (2014, p. 43).

Questões complexas que envolvem diferentes grupos sociais que são pensadas representativamente por todos os envolvidos podem ser melhor elucidadas. Abordagens participativas e colaborativas de Design podem ser um meio para se modificar as condições de sociabilidade entre as pessoas e sociabilidade com o meio ambiente, fomentando novos modos de viver. Modos de viver que garantam a sustentabilidade da vida humana e a preservação da natureza. Nesse sentido a abordagem do Design em parceria, na premissa do “fazer com” tem como proposição a inclusão e a participação do outro em todo o processo metodológico (Araujo; Côrtes; Farbiarz, 2020), tendo como eixo central a relação que se estabelece entre locutor e interlocutor.

Considerando a transição para um modo de vida sustentável, a abordagem metodológica Design em Parceria pode ser um meio para se pensar e projetar futuros possíveis, considerando as singularidades dos participantes, que fazem parte de todo o processo, que é vivo, vai acontecendo organicamente. Não sendo possível seguir um método rígido, ou em outras palavras, antecipar um caminho que vai sendo descoberto no caminhar. Observar e refletir a realidade local, junto com a comunidade, ouvindo e dialogando com as mudanças no modo de vida, sensibilizando para questões ambientais, pode ser um caminho para alcançar a sustentabilidade humana.

O Design pode ser um meio de moldar ações coerentes com a realidade climática de hoje, em um compromisso com a preservação de um futuro breve. Tais ações pensadas localmente, a partir do conhecimento local, de hábitos locais podem contribuir para um sentimento de pertencimento ao meio. O autor Daniel Wahl aponta caminhos para um futuro regenerativo, enfatizando que soluções para problemas globais precisam ser dimensionadas e sensibilizadas à “singularidade biocultural local”. Afirma ainda, que, “Caminhar por um caminho regenerativo é construir a capacidade individual e coletiva das pessoas e comunidades para enfrentar humildemente um futuro incerto” (Wahl, 2021). O autor ainda aponta alguns questionamentos que poderiam ser feitos antes de qualquer ação que necessite do uso de recursos naturais: Serve ao indivíduo? Serve à comunidade? Serve à vida? (Wahl, 2021).

No contexto da crise climática, entendemos que o modo de pensar e a visão de mundo que fazem parte de diferentes grupos sociais suscitam transformações, inovações, que ocorrem “em escala local, regional, nacional e global” (Wahl, 2019, p. 37). Somos seres sociais, e, como tal, nos relacionamos uns com os outros em um planeta com muitos recursos naturais finitos, portanto é essencial compreendermos como sustentar nossa vida neste planeta. Estamos alinhados com o conceito de design regenerativo, que: “cria culturas capazes de contínuos aprendizados e transformações em resposta, e antecipação, à mudança inevitável. Culturas regenerativas salvaguardam e aumentam a abundância biocultural para as futuras gerações da humanidade e para a vida como um todo” (Wahl, 2019, p. 59).

Diante dos desafios e da complexidade decorrentes das mudanças climáticas, sustentar nossa vida na Terra implica em repensarmos o modo como transformamos o local em que vivemos. Concordamos com Wahl quando afirma que “culturas regenerativas são sobre realizações em conjunto”, e resume, questionando se “continuaremos nos esforçando para competir uns com os outros [...] ou aprenderemos a colaborar?” (2019, p. 340). Mudanças locais podem ser criadas colaborativamente com a participação de múltiplos modos de pensar nas ações, conhecendo o local e suas singularidades, formando pontes entre saberes locais e regionais, envolvendo todo tecido social local.

A mudança que almejamos para um modo de vida sustentável pode iniciar com a participação de pessoas que convivam diariamente no local, na comunidade, em projetos com abordagens de Design participativas. Criar um processo de aprendizado consciente e participante

com feedback contínuo (Reed, 2007) é a essência para projetos com engajamento e senso de pertencimento das pessoas. Os múltiplos olhares para um mesmo objetivo enriquece a troca de saberes e fomenta a troca de experiências, potencializando os projetos. Futuros regenerativos demandam pensamentos críticos e coletivos.

Como afirma bell hooks “O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber”, esse olhar crítico, em busca de saberes, impulsiona a compreender o funcionamento da vida, e também as ações que decorrem a partir desse emaranhado de pensamentos, que considera laboratório (2020). O pensamento crítico nos impulsiona também a pensar com quem iremos projetar esses futuros possíveis pautados na sustentabilidade humana.

A autora Lesley-Ann Noel nos incita a pensar como desenhar futuros justos por meio do Design, e, para pensar juntos esse futuro-presente é preciso compreender a grande diversidade humana a que somos pertencentes, ter uma visão sistêmica da nossa pluralidade em todos os grupos sociais. Em artigo escrito por Lesley-Ann Noel em 2020, intitulado Um designer ensina as pessoas como ver outros que não são como eles, Lesley apresentou seu Alfabeto Crítico do Designer, o qual também nomeou em sua aula como “alfabeto do bem viver”. A motivação para tal alfabeto foi de que ao propor uma atividade projetual seus alunos escolheram projetar para pessoas as quais já faziam parte de seus grupos sociais, excluindo assim, que grupos como mulheres negras, pais solteiros, imigrantes estrangeiros fossem contemplados. O alfabeto também intenta que os futuros designers pensem em futuros plurais, colaborativos e com foco na equidade (Noel, 2020).

Pensar em projetos sustentáveis é agir com a participação e o engajamento de pessoas que fazem parte da comunidade em todo o percurso metodológico, em prol de um bem comum. A troca de saberes que acontece em projetos colaborativos desafia e sensibiliza os participantes a contemplarem diferentes aspectos em um mesmo projeto. A criatividade e o fazer colaborativo, que considera a diversidade, podem ser multiplicadores de múltiplos modos de transformação e inovação social no complexo mundo que habitamos, em que “as melhores soluções costumam vir do trabalho em equipe e em redes” (Cardoso, 2016, p. 23). Talvez o grande desafio seja sensibilizar as pessoas a terem um pensamento crítico sobre as ações que acontecem ao seu redor, repensando suas práticas sociais e de consumo.

A sustentabilidade humana fomenta aprendizados diante de futuros incertos, e a projeção de caminhos que considerem as relações humanas e da natureza, considerando nossa interdependência. Considerando amplamente nossa sociedade, é possível que ainda estejamos iniciando a transição que Manzini apontou em 2008:

A transição rumo à sustentabilidade, especificamente a modos de vida sustentáveis, será um processo de aprendizagem social largamente difuso no qual as mais diversificadas formas de criatividade, conhecimento e capacidades organizacionais deverão ser valorizadas do modo mais aberto e flexível possível. (2008, p. 61).

Sobre abordagens colaborativas de design, Manzini sustenta que as organizações colaborativas são fundamentais para promover transformações positivas em nossa sociedade, que demanda modos de ser e agir diferentes daqueles predominantes na sociedade atual. Segundo o autor, o foco em um contexto de design para a inovação social é:

olhar para as pessoas que participam, assim como para as formas sociais que elas produzem, em especial para as formas sociais nas quais as pessoas colaboram a fim de obter um resultado que não conseguiram obter sozinhas e que produz ou poderia produzir um valor social mais amplo como efeito colateral.” (Manzini, 2017, p. 91).

O desafio de alcançar um futuro que possa ser sustentado parte do princípio que o Design também é percebido como um amplo campo de possibilidades de mudança e de novas práticas,

juntando e desenvolvendo habilidades inclusivas e inovadoras que considerem a sustentabilidade humana diante do mundo complexo que vivemos. Concordamos com Cardoso quando afirma que “a grande importância do design reside, hoje, precisamente em sua capacidade de construir pontes e forjar relações num mundo cada vez mais esfacelado pela especialização e fragmentação de saberes”, (2013). Pensar em um projeto de comunidade sustentável requer a participação de diferentes atores, reunindo saberes em um projeto de Design, propondo caminhos equânimes.

O futuro requer projetos colaborativos, com múltiplos modos de ver aliados em prol da equidade social. A proposição de projetos que visem o bem-estar e não estejam vinculados a novos produtos pode ser um caminho, a atuação do designer em contextos educacionais formando pontes e apresentando conceitos práticos de sustentabilidade também. A grandiosidade e o desafio do designer também se resumem a projetar com o outro. “É possível perceber a vida no encontro com o outro, com o estrangeiro, *com toda espécie de estrangeiro*, é muito mais interessante, muito mais afirmativa exatamente porque provoca, suspende o automatismo, introduz a diferença, libera a vida” (Farias, 2018, p. 24, grifo do autor). Assim, diante dos complexos desafios que nossa sociedade enfrenta, não é possível ser designer sem o encontro com o outro.

O Design, assim como a sociedade, está em constante transformação. A forma como interagimos com o meio, com as materialidades também se modificam, projetar colaborativamente pode potencializar as transformações sociais necessárias para mitigar o aquecimento global. Essas ações são possíveis se conhecermos a realidade e pensarmos conjuntamente em caminhos de mudança. Essas abordagens participativas e colaborativas motivam o pensar conjunto em problemas complexos. Ações globais, coletivas, acontecem com a participação de cada indivíduo. Somos afetados a todo tempo por ações individuais, que juntos, podem emanar ondas de mudança. A transformação que precisamos para um futuro justo, equânime e que possa ser sustentado vêm das ações individuais que formam o coletivo, o colaborativo, a parceria. Estamos vivenciando um momento de realidade macro de mudanças climáticas em que o design precisa ser repensado a nível local, realidade micro.

3 Posicionamento do Design a partir de diálogos com Bakhtin e outros autores

Os textos que iremos tecer provocam diálogos sobre ser designer no contexto espaço temporal que estamos vivenciando. Esse amplo cenário das mudanças climáticas nos comunica que é preciso agir. O conceito de responsividade, de compreensão responsiva proposta por Bakhtin se refere a como os indivíduos compreendem e respondem aos enunciados dos outros em um diálogo ou interação. Bakhtin afirma: “O primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a *possibilidade de responder a ele*, em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva” (2016, p. 35, grifo do autor). Inspirado nessa capacidade de responder a algo, de estabelecer um diálogo, nos questionamos sobre qual seria uma atitude responsiva ativa de um designer?

Bakhtin afirma que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (2016, p. 26). Comparando essa afirmação às ações de ser designer, entendemos que somos apenas parte de um todo, e nossas ações fazem parte desse complexo todo. Portanto, no contexto que vivenciamos diariamente temos responsabilidade de responder ao que acontece. Se não queremos que a crise da mudança climática se agrave, seremos apenas um pequeno elo a pensar em ações que possam mitigar a nível micro essa crise. Nossas ações representam um pequeno elo na complexa cadeia de ações que podem contribuir para um diálogo que proponha caminhos que nos conduzam a um modo de vida em harmonia com a natureza e que

possa ser sustentado para essa e para as próximas gerações.

A relação espacial que estabelecemos no lugar que vivemos está sempre se modificando, estamos sempre respondendo a algo que ocorre e nos afeta. A partir do conceito de cronotopo (Bakhtin, 1997 [1979]) sugerimos uma relação com o conceito de antropoceno, que representa o espaço-tempo que estamos vivenciando, em que as ações humanas estão impactando o planeta Terra. Temos diferentes pontos de vista a partir dos espaços que ocupamos. Faz parte do ser designer também identificar esses espaços-temporais e as diferenciações dos grupos sociais que a ocupam. Um exemplo seria a constatação de que somos afetados de forma diferente pelo mesmo evento climático dependendo do lugar que ocupamos. Complementamos com um recorte de Bakhtin,

Um ponto de vista é cronotópico, ou seja, inclui tanto o momento espacial como o temporal. Nisso se vincula diretamente ao ponto de vista dos valores (hierarquizado)— a relação com o acima e o abaixo. Cronotopo do acontecimento representado, cronotopo do narrador e cronotopo do autor (da última instância). (Bakhtin, 1997, p. 373 [1979]).

Nos inspiramos em Bahtin para entender essa localização temporal que fornece indícios sobre interações, hábitos, modos de vida, costumes, espacialidades. Irene Machado pontua que “cronotopo é uma forma de compreensão da existência” (2010). Essa existência está em constante com outras existências, dividindo e compartilhando outros espaços-temporais. Segundo a autora: “No cronotopo do encontro é possível situar uma gama diferenciada de ações: das paixões humanas aos choques civilizacionais; das interações culturais às descobertas científicas; das transformações cósmicas às mudanças ecológicas” (2010). A prática do design, enquanto produtora de sentidos, de significados, precisa olhar e pensar o contexto vivenciado.

O lugar que ocupamos sustenta e inspira diálogos sobre a sociedade que intentamos fazer parte e construir. O design precisa estar atento aos diversos grupos sociais que compõem a sociedade, e o espaço-temporal em que vivem. Dialogar e projetar com a participação e colaboração de todos no local onde vivem para se desenhar caminhos possíveis para um futuro que possa ser sustentado, por mais que seja complexo, é um modo de se desenhar projetos equânimes. No contexto das mudanças climáticas diferentes espaços-temporais se entrelaçam no cenário global e na realidade local. Nos motivamos por Bakhtin quando afirma que:

Os cronotopos podem se incorporar uma ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas. Estas inter-relações entre cronotopos já não podem surgir em nenhum dos cronotopos isolados que se inter-relacionam. (Bakhtin, 2014, p. 357).

Como pessoas em um mundo em constante transformação compreendemos que a responsabilidade por nossas ações é individual, mas o nosso poder de ação acontece no coletivo. Podemos inferir que um ato responsável é um ato ético perante a natureza, considerando o contexto das mudanças climáticas, e fomenta ações de mitigação e adaptação. Ser designer como ato responsável, implica percorrer o longo caminho que liga o contexto macro das mudanças climáticas a ações do cotidiano que podem mitigar a nível micro as alterações climáticas em curso.

Compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração. (Bakhtin, 2017, p. 66, [1920-1924]).

Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória [...]. Transformando-o em objeto de conhecimento, eu o universalizo: cada pessoa ocupa um lugar singular e irrepetível, cada existir é único. (Bakhtin, 2017, p. 96, [1920-1924]).

Ainda sobre os espaços-temporais que ocupamos, nem todas as pessoas contribuem da mesma forma para o colapso ambiental que estamos enfrentando. É o que aponta a OXFAM, uma organização brasileira que faz parte de um movimento global contra a pobreza, a desigualdade e a injustiça, que divulgou um relatório em dezembro de 2023 apontando uma desigualdade extrema na definição de quem são as pessoas responsáveis por emissões de carbono, apenas em 2019, “o 1% mais rico do mundo foi responsável por 16% das emissões globais de carbono. Esse número é equivalente às emissões dos 66% mais pobres da humanidade (5 bilhões de pessoas)” (Khalfan, 2023, p. 8). Nesse sentido, a atuação do designer precisa considerar preceitos de equidade e justiça ambiental.

Diante de tamanha desigualdade social a autora Mary Robinson aponta caminhos de sensibilização e reflexão para o complexo tema da justiça climática, afirmando “que a luta contra a mudança climática é fundamentalmente sobre direitos humanos e garantia de justiça para as pessoas que sofrem com o seu impacto – países vulneráveis e comunidades que são as menos culpadas pelo problema” (2021, p. 27). No entendimento de que as pessoas que menos contribuem para as mudanças climáticas são as mais vulneráveis aos seus efeitos, justiça climática é também dialogar com essas pessoas, para que suas escolhas, suas perspectivas sejam ouvidas e tenham suas vozes amplificadas, para que sejam também parte e centro de decisões e políticas públicas que podem afetar suas vidas.

Também nos inspira a fala de Antônio Bispo dos Santos sobre biointeração, uma abordagem que valoriza a relação harmoniosa e interativa entre os seres humanos e a natureza, reconhecendo a importância da convivência, do respeito aos ciclos naturais e a busca por práticas sustentáveis (2015). Nosso posicionamento, nossas escolhas, nossas ações como pessoa/designer/pesquisadora afetam o modo como nos relacionamos com o outro e com a natureza, são parte da construção de significados, dos modos de convivencialidade. Portanto, considerando a abordagem da biointeração proposta por Bispo, a compreensão responsiva proposta por Bakhtin, assim como nossa responsabilidade de nossas escolhas e ações nas interações que nos cercam podem compor a base de um modo de vida que seja comprometido com a humanidade e com o ambiente que compartilhamos.

4 Cidadania

Cidadania pode ser definido como o “status conferido aos indivíduos dentro de uma comunidade nacional ou política específica que carrega consigo determinados direitos e responsabilidades” (Giddens; Sutton, 2017, p. 350). Dentre as transformações do viver em sociedade, os autores apontam a responsabilidade com as futuras gerações, nomeada como cidadania ecológica, que “gera uma nova demanda para que as pessoas se responsabilizem pela pegada ecológica humana - o impacto da atividade humana no meio ambiente” (p. 352). Entendemos que nossa responsabilidade como cidadãos depende também de acessos e do espaço-temporal que ocupamos. Por exemplo, um morador de comunidade não o mesmo poder de ação e de responsabilidade com gerações futuras do que uma pessoa que ocupa um cargo político elevado.

Nosso papel como cidadão responsável é fazer o que estiver ao alcance, o que for possível ara um modo de vida que considere nosso impacto. Há a necessidade de ampliar o diálogo sobre o assunto e sensibilizar as pessoas não só para a ação, mas também para a reflexão. Outra definição para o conceito de cidadania ecológica:

um modo de viver comprometido com o ambiente, entendido como um bem coletivo,

comum a toda humanidade e, portanto, responsabilidade de todos.[...] Leva em consideração que impactamos os ecossistemas terrestres, aquáticos e os sistemas sociais com as nossas escolhas, modos de produção, consumo, valores e estilo de vida.” (Teixeira, 2021).

No mundo globalizado consumimos materiais que nem sempre é possível identificar sua origem e custo para o meio ambiente. Na contracapa do livro “Direitos da Natureza”, Daniel Braga Lourenço pontua que o autor Gudynas “oferece argumentos para construir uma nova ética de convívio entre os seres humanos e o mundo natural: uma ética que não passa necessariamente por manter os ecossistemas puros e intocados, mas pelo respeito a seus ciclos e capacidades” (Gudynas, 2019, contracapa). Esse é um ponto que pode ser melhor abordado pelo design, olhar para o a diversidade local e para sistemas que tenham a capacidade de se regenerar. Entretanto, para que seja efetivo é esperado que a comunidade local contribua, da forma como for possível, para esse equilíbrio. Gudynas fala em uma perspectiva de postura biocêntrica, que considera a “natureza como um sujeito também obriga a repensar o papel das pessoas como sujeitos cidadãos” (2019, p. 209).

Gudynas aponta que no contexto do antropoceno a “degradação ambiental anda de mãos dadas com a redução da cidadania” (2019, p. 219). Coexistimos em um mesmo mundo, pessoas e elementos não humanos, portanto, a visão antropocêntrica de ver a natureza como algo apenas utilitário não considera que somos interdependentes dela. O autor elabora diferenças entre consumidor, cidadania e metacidadania ecológica. Pontua que a cidadania deve criar condições para a metacidadania ecológica, superando a dualidade entre humano e natureza.

5 Conclusão

Considerando o Design como uma atividade contínua de significação, a compreensão da realidade, do que está acontecendo aqui e agora, em contextos globais e locais é um norte para essa atividade, característica também de projetar novos caminhos. Acreditamos também que abordagens participativas, colaborativas, inclusivas, em parceria e regenerativas, na perspectiva da participação de pessoas que possam ser vistas na sua complexidade como um ser completo nas formas de ser e estar no mundo, são um modo de pensar o design no contexto macro das mudanças climáticas. Participar das ações significativas de um grupo social, de novas formas de organização social contribui para o sentimento de pertencimento a esse grupo.

Considerando abordagens de design que são fundamentadas e um projetar com, em relação com o outro, entendemos o Design como meio para ações. Assim, poderíamos ter como prática do Design, em um contexto de resposta à realidade climática que estamos vivenciando, uma mobilização de ações responsáveis. A característica interdisciplinar do Design em se relacionar com outras disciplinas e áreas de conhecimento colabora para que tenhamos esse olhar de estarmos em interação com situações complexas que surgem em nossa sociedade. Na compreensão de que ações de adaptação e mitigação em reação às mudanças climáticas precisam ser observadas e pensadas por todas as áreas de conhecimento, pois todos seremos afetados em menor ou maior grau de impacto, é que entendemos a importância do Design em estabelecer pontes com outros campos do saber para pensar/propor caminhos de sensibilização para ações em resposta às mudanças climáticas.

Tais pontos de vista, assim como a sociedade, estão em constantes transformações, a forma como interagimos com o meio, com as materialidades, também se modificam, e precisam considerar a realidade local e perspectivas futuras. Compreendemos que não há uma só alternativa,

nem uma “solução” que resolva as complexidades envolvidas na crise climática, portanto, quanto maior a diversidade de vozes que se dedicarem a repensar o fazer design e o ser design nesse contexto, mais assertivos serão os desenhos de projetos para mitigação da crise climática. Por fim, esse diálogo entre Design, Mudanças Climáticas e Cidadania não finda. Entendemos que é um campo em que o Design tem capacidade de estar mais envolvido, para que possamos projetar futuros possíveis.

6 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

7 Referências

Alves, José Eustáquio Diniz. **Antropoceno**: a era do colapso ambiental. 2020. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1106>. Acesso em: 27 dez. 2023.

Araujo, Renata Mattos Eyer de; Côrtes, Carlos André Lameirão; Farbiarz, Jackeline Lima. Design em Parceria: experiências de ensino de projeto em design fundamentadas na participação e no diálogo. In: PCD 2020, 19., 2020, Manizales. **Participatory Design Conference**. Manizales: Proceedings, 2020. v. 3, p. 141-150.

Bakhtin, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello; Tradução: Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

Bakhtin, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421p. (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaio de poética histórica. In: **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 439 p. Tradução Aurora Fornoni Bernardini.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. 176 p. Tradução Paulo Bezerra.

Bakhtin, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. 176 p. Tradução Paulo Bezerra.

Bomfim, Gustavo Amarante. Coordenadas cronológicas e cosmológicas: como espaço das transformações formais. In: COUTO, Rita Maria de Souza et al (org.). **Formas do Design**: por uma metodologia interdisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014. Cap. 2. p. 13-29.

Bomfim, Gustavo Amarante. Fundamentos de uma teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p.27-41, dez. 1997.

Cardoso, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

COUTO, Rita Maria de Souza. **O ensino da disciplina de projeto básico sob o enfoque do design social**. 1991. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Educação, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

- Couto, Rita Maria de Souza; Oliveira, Alfredo Jefferson de. Apresentação. In: Couto, Rita Maria de Souza et al (org.). **Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014. p. 7-10.
- ENCÍCLICA, Carta. Laudato si'. Sobre o Cuidado da Casa Comum. Santo Padre Francisco. Roma: Tipografia Vaticana, 2015.
- Farbiarz, Jackeline Lima; Ripper, José Luiz Mendes. **Instantâneos de Interação: encontro de memórias sobre design, meio ambiente e sociedade**. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014. 84 p.
- Farias, André Brayner de. **Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento**. Porto Alegre: Zouk, 2018. 152 p.
- GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W.. **Conceitos essenciais da Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017. 419 p. Tradução: Claudia Freire.
- Gudynas, Eduardo. **Direitos da natureza: ética biocêntrica e políticas ambientais**. São Paulo: Elefante, 2019. 340 p. Tradução de Igor Ojeda.
- Guterres, António. Pré-COP 27. 3 de outubro de 2022. @onubrasil. Disponível em [ONU Brasil \(@onubrasil\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 20 nov. 2022
- Haraway, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantatioceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **Climacom Cultura Científica: pesquisa, jornalismo e arte, [s. l], v. 3, n. 5, p. 139-146, abr. 2016.**
- IPCC, 2023: Summary for Policymakers. In: **Climate Change 2023: Synthesis Report**. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Core Writing Team, H. Lee and J. Romero (eds.)]. IPCC, Geneva, Switzerland, pp. 1-34, doi: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001
- Khalfan, Ashfaq *et al.* **Igualdade climática: um planeta para os 99%**. Oxford: Oxfam, 2023. 33 p.
- Latour, Bruno. **Diante e Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 480 p. Tradução de: Maryalua Meyer.
- MACHADO, Irene. **A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia**. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). O círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Campinas: Mercado das letras, 2010, v.1, p. 203-234.
- Manzini, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Coordenação de tradução Carla Cipolla. Rio de Janeiro: E- papers, 2008.
- MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017. 254 p. Tradução Luzia Araújo.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p. Tradução: Eloá Jacobina.
- Moura, Mônica. Design digital: universo da cultura e da hipermídia. In: **FACES do Design**. São Paulo: Rosari, 2003. Cap. 7. p. 115-128.
- Noel, Lesley-Ann. **A Designer Teaches People How to See Others Who Are Not Like Them**. 2020. Disponível em: <https://hyperallergic.com/601804/a-designer-teaches-people-how-to-see-others-who-are-not-like-them/>. Acesso em: 18 maio 2022.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Mudanças climáticas:** ameaça ao bem-estar humano e à saúde do planeta. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/173693-mudancas-climaticas-ameaca-ao-bem-estar-humano-e-saude-do-planeta>. Acesso em: 29 set. 2022.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil.** 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 29 out. 2022.

PUC-Rio. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro. **Projeto Político Pedagógico.** 2002. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/sobrepuc/cpa/download/PPI.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Reed, Bill. Shifting from 'sustainability' to regeneration. Building Research & Information, [S.L.], v. 35, n. 6, p. 674-680, no v. 2007. **Informa UK Limited.** <http://dx.doi.org/10.1080/09613210701475753>.

Robinson, Mary. **Justiça climática:** Esperança, resiliência e a luta por um futuro sustentável (Portuguese Edition), Civilização Brasileira, 2021. Edição do Kindle.

SANTOS, Antônio Bispo dos. COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS modos e significados. 2015. **Brasília. INCTI/UnB. 5pp,** 2020.

STIELL, Simon. **Two years to save the world.** 2024. Disponível em: <https://unfccc.int/news/two-years-to-save-the-world-simon-stiell-at-chatham-house>. Acesso em: 27 abr. 2024.

Teixeira, Aleluia Heringer Lisboa. Cidadania Ecológica. In: SILVANO, Humberto et al (org.). **Dicionário do pacto educativo global.** Curitiba: Anec, 2021. Cap. 12. p. 46-46.

Wahl, Daniel C.. **Design de culturas regenerativas.** Rio de Janeiro: Bambual, 2019.

Wahl, Daniel C.. **Regenerative Futures:** redesigning the human impact on earth. 2021. Disponível em: <https://designforsustainability.medium.com/regenerative-futures-redesigning-the-human-impact-on-earth-8a9623e71ca7>. Acesso em: 12 abr. 2022.

8 Checklist

| Área | Item | Checar |
|---------------------------------------|--|--|
| Layout da página | Margens e formato da página | |
| | Espacejamento | |
| | Recuos | |
| | Alinhamento | |
| | Texto | |
| | Título do artigo | |
| | Nome do autor | |
| | Nome do autor ocultado para revisão cega na primeira etapa de submissão | |
| | Nome, instituição, país e e-mail dos autores | |
| | Palavras-chaves e resumo em português | |
| | Palavras-chaves e resumo em inglês | |
| | Subtítulos | |
| | Marcadores gráficos e numéricos | |
| | Figuras e tabelas | |
| | Citações | |
| | Notas de rodapé | |
| | Agradecimentos | |
| | Referências | |
| | Tamanho do artigo (páginas) | |
| | Direitos autorais | Permissão de uso dos direitos autorais (se for o caso) |
| Enviando o artigo pelo sistema | Formato do arquivo (PDF) | |
| | Tamanho do arquivo (MB) | |
| | Versão para revisão cega e versão para publicação | |
| | Registro correto do título | |
| | Registro correto e completo de nomes, e-mail e demais informações no sistema | |
| | Categoria | |
| Eixo Temático | | |

Atende às recomendações específicas da categoria para a qual você está submetendo o trabalho?
